

## O ESPAÇO POLISSÊMICO: UMA LEITURA DA NARRATIVA “RETÁBULO DE SANTA JOANA”, DE OSMAN LINS

---

THE POLYSEMIC SPACE:  
A READING OF THE NARRATIVE “RETÁBULO DE SANTA JOANA”, BY OSMAN LINS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosangela Vieira Freire\*  
Prof<sup>a</sup> Ma. Risonelha de Sousa Lins\*\*

**Resumo:** Osman Lins, herdeiro da austeridade formal flaubertiana, tece narrativas desestabilizantes, cujos sentidos rompem com as expectativas do leitor, oferecendo uma multiplicidade de vozes dentro de espaços internalizados que assumem um valor semântico na constituição dos seres sociais que nele se localizam. “*Retábulo de Santa Joana*”, uma das mais intrigantes narrativas de **Nove, novena**, apresenta espaços físicos e simbólicos que se enlaçam e se entrelaçam em função de uma polissemia de sentidos que nos induz a mergulhar nessa montagem emblemática de vozes que situam seus conflitos, atribuindo-lhes uma dimensão cósmica. Para suporte teórico, seguiremos os estudos bakhtinianos, os desenvolvidos por Borges Filho e os do próprio Osman Lins.

**Palavras-chave:** Osman Lins; espaço; Retábulo de Santa Joana.

**Abstract:** Osman Lins, heir of Flaubertian formal austerity, weaves destabilizing narratives, whose senses break with the expectations of the reader, offering a multiplicity of voices within internalized spaces that assume a semantic value in the constitution of the social beings that are in it. “*Retábulo de Santa Joana*”, one of the most intriguing narratives of *Nove, novena*, presents physical and symbolic spaces that merge and intertwine in function of a polysemy of meanings that induces us to delve into this emblematic montage of voices that situate their conflicts, assigning them a cosmic dimension. For theoretical support, we will follow the Bakhtinian studies, those developed by Borges Filho and those of Osman Lins himself.

**Keywords:** Osman Lins; space; Retábulo de Santa Joana.

---

\* IFPB- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Curso superior de Licenciatura em Letras. **E-mail:** [rosangelaveafs@yahoo.com.br](mailto:rosangelaveafs@yahoo.com.br)

\*\* Doutoranda – UERN-RN e professora do IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Curso superior de Licenciatura em Letras. **E-mail:** [risonelha@gmail.com](mailto:risonelha@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Osman Lins, legatário da rigidez formal de Flaubert, urde narrativas enigmáticas, cujos sentidos rompem com as expectativas do leitor, oferecendo uma multiplicidade de vozes dentro de espaços internalizados que assumem um valor semântico na constituição dos seres sociais que nele se localizam. É inegável, portanto, que a categoria de espaço na obra osmaniana é engendrada de forma instigante, tecendo os fios que ligam tempo, personagem e ação no emaranhado da trama literária. Na obra **Nove, novena**, esse ficcionista realizou experimentações literárias que evidenciam as transformações que ocorreriam em sua trajetória literária e registrou em cada conto espaços enigmáticos que ora se sobrepõem, ora se justapõem ou se complementam. O fato é que surgem banhados de impressões subjetivas pela relação que apresentam com os personagens que o constituem, gerando relações que ampliam os sentidos da história narrada. Por conseguinte, os espaços tornam-se elásticos e dão consistência ao drama dos personagens, permitindo novas reflexões ao contexto. “*Retábulo de Santa Joana*”, narrativa mais enigmática da obra mencionada, apresenta espaços físicos e simbólicos que se entrelaçam em função de uma polissemia de sentidos que nos impulsionam a mergulhar nessa montagem emblemática de vozes que situam seus conflitos, atribuindo-lhes uma dimensão cósmica. Partindo de tais pressupostos, este trabalho pretende percorrer as trilhas semânticas do espaço na narrativa “*Retábulo de santa Joana*”, pertencente à obra **Nove, novena**, de Osman Lins, no intuito de construir uma possível leitura do universo ficcional pela costura entre seu enredo e a condensação dos sentidos promovidos pelo espaço real e simbólico.

Conforme o próprio autor, que investigou o espaço romanesco na obra de Lima Barreto:

Move-se o homem e recorda o passado. Nada disso o pacifica ante o espaço e o tempo, entidades unas e misteriosas, desafios constantes à sua capacidade de pensar. Acessíveis à experiência imediata e esquivos às interrogações do espírito, sugerem – espaço e tempo – múltiplas versões, como se monstros fabulosos (LINS, 1976, p. 63).

É nessa recordação do passado que vamos encontrar as vozes narrativas em “*Retábulo de santa Joana*”, reunindo espaço e tempo, a fim de que o estudioso se atreva aos monstros fabulosos da ficção de Osman e, nesse “cronotopo”, vislumbre na construção do retábulo e dos seus mistérios os sentidos que emergem dos espaços por onde transitam as personagens, em especial, Joana Carolina.

**Nove, novena** integra um momento singular na literatura osmaniana em relação às obras *O fiel e a pedra*, *O visitante* e *Os gestos*. Trata-se de textos cuja elaboração poética inscrita e escrita numa estrutura linear, dotados de uma voz narradora unilateral, conquistou a adesão de muitos leitores. Quando o escritor publica *Avalovara*, *Nove, novena* e *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, percebe-se uma certa resistência do público, e o autor passa a ser visto como hermético, difícil, denso. Essa reação se justifica pela fuga de Osman Lins a um padrão de escrita que agradava a leitores mais conservadores.

Ao prefaciá-lo a segunda edição de **Nove, novena**, João Alexandre Barbosa batizou o texto de “**Nove, Novena**, Novidade”: “É que, entre a percepção do mundo, projetado pela linguagem, e a assimilação da leitura, o autor obriga-nos a um encontro decisivo com todos os elementos de execução que configuram a construção do texto. Ele não *conta*;<sup>1</sup> escreve” (2007, p. 8). E corroborando a postura do crítico, Osman (1979, p. 46) diz que “realizar uma obra é construir um edifício. Lá está ele. Digam o que disserem, façam o que fizerem, lá está ele, plantado no mundo, com as suas portas abertas”.

Em se tratando de **Nove, novena**, em especial, o conto “*Retábulo de santa Joana*”, deparamo-nos com a construção de um edifício num permanente diálogo com outras artes: a arquitetura do retábulo e os mistérios. O retábulo consiste numa estrutura ornamental em pedra ou talha de madeira que se eleva na parte posterior de um altar; já “Mistérios”, refere-se a um gênero teatral próprio da Idade Média, destinado a colocar em cena assuntos religiosos.

Uma vez que o texto lembra a forma de um retábulo, a narrativa mostra-se suspensa na passagem de um Mistério a outro, com uma supressão de tempo a ser complementada pelos leitores. Uma possível resposta a essas lacunas deve-se ao fato de o texto construir-se pela memória dos narradores: a Negra agregada à família; o segundo Tesoureiro da Irmandade das Almas; Jerônimo José, o marido de Joana Carolina; Álvaro, o filho; Retábulo de santa Joana, a mãe; o dono do Engenho Serra Grande; Laura, a filha; os amantes fugitivos, Miguel e Cristina; seis vozes narrativas identificadas apenas por sinais e números; o Padre que dá extrema-unção à protagonista e o povo que acompanha seu enterro.

---

<sup>1</sup> Grifo do autor.

O leitor é surpreendido pelas 17 vozes que contam o conto. Esses 17 narradores estão indicados por símbolos e são as lembranças deles que compõem o perfil de Joana Carolina, ao qual o leitor é chamado a dar “inteireza”, articulando os fragmentos narrativos em sua própria memória. Pela multiplicidade de focos narrativos, o texto ou o “edifício” se erguem. Tudo o que chega ao leitor sobre Joana vem dos relatos fragmentados, das cenas que o olhar desses narradores filtra e de suas falas que selecionam aspectos significativos para contar, criando a imagem da santa nordestina.

Apesar da falibilidade decorrente da lembrança, os narradores podem conquistar a adesão do leitor tanto porque conviveram, presenciaram, conheceram Joana Carolina quanto pela personagem que se impõe no conto pela firmeza, resistência, mansidão e pelos “milagres” que realiza.

Tenho, ignorante que sou, uma sensação de agraciado, certo de que nessa jovem triplamente iluminada – pelo sol da tarde, pelas chamas das velas, pelo meu êxtase – e em quem a enfermidade, mais do que uma pena, foi um desígnio para resguardá-la até que emergisse, das entranhas do tempo, este minuto, residem as aventuras da vida e que, ligando-me a ela, aposso-me de grandezas que não entenderei e que nem sequer adivinho. Arpoado em minhas profundezas pelo seu olhar, ofereço-me com a máxima candura, imaginando que este brio de súbito gerado em meu espírito pode comprar a paz e o júbilo” (LINS, 2007, p. 92-3).

Essa voz que brota caudalosa da boca do futuro marido, quase em forma de oração, no momento em que Joana, na procissão, pagava uma promessa, já conota uma transformação interior provocada apenas pela visão de Joana.

### **1.1 Com quantos espaços se constrói um retábulo?**

Para Weisgerber (2016, 93), “o mundo da narrativa constitui, à semelhança do mundo em que vivemos, um conjunto espaço-temporal onde lugares e instantes se interpenetram”. O mundo em que Joana habita, de fato, não difere do mundo em que os nordestinos vivem. Trata-se de casas, engenhos, escolas improvisadas em casas, caminhos quase inalcançáveis e momentos que também lembram situações corriqueiras: nascimento de filhos, velórios, assassinatos, fugas de casais. “O espaço literário é impregnado de axiologias, nenhum lugar representado no texto literário é neutro, todos eles possuem significados, que são re-significados constantemente, pois

as personagens vivem/convivem **nele e com** ele” (BORGES FILHO, 2015, 18-19). Em *Retábulo de santa Joana*, há uma profusão de espaços, conforme se constata no quadro abaixo:

Primeiro Mistério	Nascimento de Joana Carolina, no quarto da casa de sua mãe, Retábulo de santa Joana.
Segundo Mistério	Joana Carolina aos onze anos. Irmandade das Almas.
Terceiro Mistério	Joana Carolina na adolescência. Procissão religiosa
Quarto Mistério	Joana, o marido e os cinco filhos no Engenho Serra Grande.
Quinto Mistério	Jerônimo José pede a mão de Joana Carolina em Casamento. Vida da protagonista em casa e os trabalhos do marido. Morte do marido. A casa, o hotel, a ferrovia, Belém.
Sexto Mistério	Tentação e investidas do filho do Senhor do Engenho Serra Grande sobre a viúva Joana Carolina e a resistência dela. O trabalho de professora nas terras do Engenho.
Sétimo Mistério	As condições adversas de trabalho da professora e os problemas com a saúde da família. O entusiasmo das crianças com as visitas da avó. Engenho Serra Grande
Oitavo Mistério	Morte de Retábulo de santa Joana, atacada por um touro das terras do Engenho.
Nono Mistério	Fuga dos namorados Miguel e Ana Cristina, perseguidos por jagunços contratados pelo pai da moça, Antônio Dias, que se opõe ao casamento. Joana Carolina acolhe o casal e, pela palavra, salva os fugitivos. Engenho Queimadas.
Décimo Mistério	Joana Carolina socorre o menino Jonas, portador de deficiência, filho de Floripes e neto da Senhora do Engenho Queimadas. O menino é salvo dos tiros de um assassino. Engenho Queimadas.
Décimo Primeiro Mistério	Joana agonizando recebe do padre a unção dos enfermos. Momento de transfiguração.
Décimo Segundo Mistério	Enterro de Joana Carolina

Todos esses espaços são ricos em valores, uma vez que é neles que as personagens experienciam suas vivências, vão moldando ou construindo sua subjetividade de modo que uma vez mencionado o espaço, chegamos a visualizá-las inseridas nele. Além dos lugares recorrentes, como é o caso dos engenhos, há vários outros espaços referidos no texto denominados ornatos os quais precedem os Mistérios, a exemplo da casa, da praça, e dialogam com o que será contado. “O ornamento é importante, ele liga as coisas e assim enriquece o mundo. Faço uma literatura ornamental, mas esses ornamentos não são gratuitos, existe um motivo para estarem ali” (*Ibidem*, p. 207).

O ornato abre os quadros retabulares e são denominados “mistérios”. O primeiro deles traz uma visão geral do universo, anuncia um signo zodiacal através da palavra “balança”. Os doze mistérios são presididos pela astrologia que vai marcar a trajetória de doze meses na vida de Joana Carolina:

As estrelas cadentes e as que permanecem, bólidos, cometas que atravessam o espaço como répteis, grandes nebulosas, rios de fogo e de magnitude, as ordenadas aglomerações, o espaço desdobrado, as amplidões refletidas nos espelhos do Tempo, o Sol e os planetas, nossa Lua e suas quatro fases, tudo medido pela invisível balança, com o pólen num prato, no outro as constelações, e que regula, com a mesma certeza, a distância, a vertigem, o peso e os números (*Ibidem*, p. 87).

Esse mistério introdutório é quase uma profissão de fé adotada por Osman Lins (1979, p. 223) ao assumir que:

[...] “a narrativa para mim é uma cosmogonia. Eu penso assim: existe o mundo, existem as palavras, existe a nossa experiência do mundo e a nossa experiência das palavras. E tudo isso está ordenado, é um cosmos.

Nesse cosmos, uma das vozes narrativas anuncia à mãe Retábulo de santa Joana a chegada de Joana ao mundo. A personagem nasce sob o signo de libra, representado pela balança. Os signos astrológicos, às vezes, são facilmente perceptíveis, mas em outros momentos do texto, eles estão mais encobertos. No primeiro ornato, por exemplo, inferimos que se trata de libra, pela menção à palavra “balança”. A partir dos demais ornatos ou da narrativa a eles ligada, percebe-se que o tempo além de cronológico vai ser também astrológico. É esse tempo colado à subjetividade dos personagens, vivenciada dentro dos espaços da narrativa que vai transformando Joana em santa.

No primeiro Mistério, a narradora, parteira, dá a conhecer os irmãos de Joana ao leitor: Suzana, João, Filomena e Lucina, “todos colhidos por mim das pródigas entranhas de Retábulo de santa Joana...” (LINS: 2007,73). A parteira traça uma personalidade para os filhos de Totônia, prevendo acontecimentos distando três décadas do momento em que traz Joana ao mundo.

“Suzana chegará à velhice mordida de ciúmes, vindo em cada mulher, mesmo na mãe, o olho de cobiça no marido...” [...] João, homem de não engolir um desaforo... cultivará todas as formas de avareza, incapaz de oferecer a alguém um copo d’água. [...] Lucina ficará inimiga de Retábulo de santa Joana, lhe negará a mão e a palavra.

Nem Filomena, nem ela, nem Suzana oferecerão à irmã nenhuma ajuda.

Joana Carolina, apesar da pobreza, será seu arrimo: a velha haverá de morrer aos seus cuidados, em sua casa, daqui a trinta e seis anos, no Engenho Serra Grande (*Ibidem*, p.73)

Esses traços muito semelhantes entre os irmãos de Joana não a contaminam. Mesmo referindo-se a uma previsibilidade; portanto, falível, o leitor começa a perceber um diferencial em Joana. Ela se coloca acima dos quatro irmãos por possuir comportamento e valores opostos aos deles.

Em todos os mistérios, percebe-se a superioridade virtuosa de Joana em relação aos demais personagens. No nono Mistério, por exemplo, Joana se agiganta ao acolher um casal fugitivo e enfrentar a valentia do pai da moça:

[...] fôramos guiados para a única pessoa no mundo com o merecimento de nos salvar (LINS: 2007, p. 104). Joana fez o chefe desmontar, entrar, ponderou enérgica: (*Ibidem*, p. 104) [...] posso ver então essa moça obrigada a fugir, não levando, de tudo que possui, bens que caibam nem na concha da mão, atrás de um fervor, só porque o pai não quer ouvi-la? Isso é pai? Bem sei que o dinheiro tem valor. Porém maior é a misericórdia. De que serve a um homem ter gados e plantações, se não é capaz de tirar, do próprio coração, alguma grandeza? (*Ibidem*, p. 104)

Para a filha e o genro de Antônio Dias, cujo comportamento é marcado pela imposição e pela violência, Joana representa o diálogo que o desarma. Diante da argumentação de Joana, entremeada de indagações que afetam diretamente o senhor de engenho, ele se rende à valentia discursiva dela e promete proteção ao casal. O tropel, que chegara para aniquilar os noivos, tornou-se amigo deles. Pelo poder da palavra, Joana reverte uma situação cujo desfecho seria trágico.

E, dessa forma, Joana vai se “santificando” em todos os espaços e nas mais diversas situações, porque está acima das soluções mais “cômodas”, tradicionais que os demais personagens adotariam.

Para os filhos de Joana, a atitude resiliente da mãe ajuda-os a superar as aflições impostas pela condição social e pela doença.

Tudo era pela metade. Meia laranja, meio pão, meia banana, meio copo de leite, meio ovo, um sapato no pé outro guardado. Só calçávamos os dois quando ela nos levava à cidade, para receber seu ordenado, três léguas para ir e três para voltar (LINS, 2007, p. 89).

Foi com essa economia exacerbada, imposta pela situação social que Joana criou os filhos, com inteireza. Na verdade, só nas visitas de Retábulo de santa Joana, havia uma certa “fartura”.

Retábulo de santa Joana, por sua vez, imagina sua filha Joana numa situação totalmente adversa da sua, já que, casada com um homem mais frágil, não viveria a mesma situação que ela: “a que se polui, a que pare os filhos, a que transforma em leite o próprio sangue, a frágil” (LINS, 2007, p. 96-7), transmudando-a numa “recompensa” ou naquela onde a “firmeza” pode ser vista em “momentos de dor”, guardada “como segredo. Nos socavões da alma” (*Ibidem*, p. 98). O patrão de Joana, tomado pela sensação de mal-estar íntimo, embora consiga atrair as mulheres, desabafa: “Pareço-me bem mais com o diabo, do que com gente. *Vade retro*<sup>2</sup>. Não era assim que me achavam as mulheres” (*Ibidem*, p. 101) e reconhece que Joana é portadora de sentimentos mais profundos e mais transcendententes que os seus.

Ao recusar a proposta de casamento com o viúvo Antônio Dias, Joana cresce em admiração, preferindo a essência, o sossego anímico à estabilidade de que poderia desfrutar, contraindo novas núpcias: “Assim, muito me honra a sua proposta, amável e generosa. Ela significa, se eu a aceitasse, amparo e estabilidade para o resto dos meus dias. Mas, então, o que seria de minha alma?” (*Ibidem*, p. 105). Movida por uma consciência axiológica, Joana desconserta as demais personagens.

## 1.2 O retábulo quase pronto

Observa-se que a construção de um retábulo, naquele espaço, significa a necessidade que os personagens têm de superar os próprios limites e funciona como catalisador de suas frustrações. Portanto, os milagres atribuídos à Santa Joana são, na verdade, atitudes da personagem que a diferenciam das demais, uma vez que ela é sábia para lidar com as adversidades, enquanto os outros personagens tropeçam nas próprias fraquezas. No momento da morte, a dimensão humana da personagem torna-se mais evidente através da percepção das próprias fraquezas e pecados. Mas a sua inteireza de caráter é percebida pelo padre através de sua relação sócio-

<sup>2</sup> “*Vade retro Satana*” (“Afasta-te, Satanás”) é uma fórmula medieval católica de exorcismo, composta em 1415 e encontrada numa abadia beneditina na Baviera, cuja origem é tradicionalmente associada a São Bento de Núrsia. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=vade+retro%3F>. Acesso em: 22 de jan. de 2017.

histórica com o espaço, pois em sua trajetória apresentava “um arrebatamento e uma nobreza que pareciam desafiar a vida e suas garras (*Ibidem*, p. 132)

Por adotar uma postura que difere dos padrões preconizados por uma sociedade ávida por bens materiais, sem refletir sobre valores essenciais, Joana se distancia cada vez mais desses “valores degradados” e firma-se em “valores autênticos”.

Em várias situações, Joana se sobressai pela resistência, pela mansidão, pelo espanto diante dos demais personagens. Ainda na infância, brincava naturalmente com os escorpiões sem que esses lhe metessem o ferrão, “Grita o Presidente da Irmandade que ninguém pode pegar num escorpião. Joana Carolina: ‘eu pego’. Fecha-os na palma da mão, suavemente. Solta-os. ‘Se a menina faz isso, com os poderes de Deus eu também faço’” (*Ibidem*, p. 91).

Mantém-se incólume ao longo de toda a vida: perde filhos, perde esposo, a mãe vem morrer em sua casa, resiste às estratégias sórdidas engendradas pelo herdeiro do engenho para manter uma relação conjugal com ela.

A casa para onde mudei Joana, com a escola e os filhos, era uma babilônia. Fora dividida: parte era uma destilaria. Mesmo assim, um grito solto na sala chegava apagado à cozinha. Paredes úmidas, telhado alto, quartos descomunais, onde caberiam seis camas de casal e algumas cômodas, e onde em certas noites era preciso acender um fogareiro, para não morrer de frio. Aí, duma só vez, adoeceram seus filhos, todos, a pequena morreu. Sua mãe, que de tempos em tempos vinha lhe fazer uma visita, morreu também aí. Nada abalou a mulher (LINS, 2007, p.87).

A casa, para Bachelard (1989, p. 22) corresponde ao lugar da proteção, do aconchego, “o nosso canto no mundo”. Mas as sucessivas mudanças provocadas pelo proprietário tentam uma desestabilização da personagem em relação a esse espaço, porém Joana permanece inabalável.

Essa ausência de abalo em Joana diante de tantas adversidades e, principalmente, das arquitetadas pelo herdeiro do engenho Serra Grande, levam-no a uma reflexão. “Acabei achando que Joana Carolina foi minha transcendência, meu quinhão de espanto numa vida tão pobre de mistérios” (LINS, 2007, p. 105).

Fecha-se o conto com o sepultamento de Joana Carolina, transformada em santa, obreira de milagres. Esses milagres, em sua maioria, referem-se à mudança no comportamento, no agir de alguns personagens acostumados à vitória pela

expressão da força, mas não através da força da expressão, a exemplo de Joana. No décimo segundo mistério, o padre unge Joana:

Quando a ungi com o óleo santo, já essa face pretérita esvaíra-se, subsistindo apenas seus resíduos, seu pó. Foi sobre os olhos, a boca, os ouvidos, o nariz arqueado da anciã, que invoquei a misericórdia de Deus (LINS: 2007, p. 113). Dentro de mim, enquanto me afastava de cabeça alta, Joana era uma chama. *Populus, qui ambulabat in tenebris, vidit lucem magnam*<sup>3</sup>.

Essa unção ministrada pelo padre, ou seja, a aplicação de um óleo consagrado a alguém, ratifica o comportamento de retidão de Joana e faz o padre vê-la como luz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura acima permitiu-nos adentrar na labiríntica escrita de Osman Lins, sobretudo, no que se refere ao espaço. Ele mesmo nos deixou uma obra fundamental sobre essa categoria narrativa: **Lima Barreto e o espaço romanesco**. Dono de uma forma inquietante de escrever, Osman Lins adota em sua ficção o Nordeste com seus costumes, crenças, seus engenhos de “fogo vivo”, suas arbitrariedades, suas misérias e grandeza.

Em o “Retábulo de Santa Joana Carolina”, é possível acompanhar a criação de uma santa destituída de um reconhecimento eclesiástico, mas canonizada no interior de quem com ela conviveu em vários espaços, tornando-os polissêmicos. Uma polissemia advinda do embate entre o homem e o homem, entre o homem e a natureza, entre o homem e o sobrenatural. É no limite de cada personagem que Joana Carolina se sobressai por encontrar um modo “diferente” de enfrentamento das situações.

Trata-se de uma santa construída pela visão subjetiva de seus pares em relação à postura por ela adotada dentro do espaço de suas vivências.

Apesar do espaço antagônico, Joana não abdica de seus “valores autênticos num mundo de valores degradados (GOLDMANN, 2000, p.9)” devido à coerência com suas convicções e isto traz um estranhamento a sua postura, tornando-a “santa”.

<sup>3</sup> Isaías 9:2. “O povo que andava em trevas viu uma grande luz”. Disponível em: <http://bibleglot.com/pair/Vulgata/PorAR/Isa.9/>  
Acesso em : 22 de jan. de 2017.

**REFERÊNCIAS:**

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBOSA, João Alexandre. “**Nove, Novena, Novidade**”. In: Nove, Novena. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. **O espaço literário: textos teóricos**. Uberaba –MG: Ribeirão gráfica e editora, 2016.

GOLDMANN, Lucien – **A sociologia do romance**. Tradução de Álvaro Cabral. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LINS, Osman. **Nove, novena**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **O visitante**. São Paulo: Summus, 1979.

\_\_\_\_\_. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

WEISGERBER, Jean. O espaço romanesco: tentativa de definição. In: **O espaço literário: textos teóricos**. Uberaba –MG: Ribeirão gráfica e editora, 2016.